

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IR AO CINEMA EM 1975
3 e 8 de maio de 2024

INDIA SONG / 1975

(*Índia Song*)

um filme de Marguerite Duras

Texto e Realização: Marguerite Duras / **Fotografia:** Bruno Nuytten / **Som:** Michel Vionnet / **Montagem:** Solange Leprince / **Assistente de Realização:** Benoit Jacquot / **Intérpretes:** Delphine Seyrig (Anne-Marie Stretter), Michel Lonsdale (o Vice Consul de França), Matthieu Carrière (O jovem Adido da Embaixada), Didier Flamand (O jovem convidado dos Stretter), Claude Mann (Michel Richardson), Vernon Dobtcheff (Georges Crawn), Claude Juan (Um Convidado), Satasinh Manila (a voz da mendiga), Nicole Hiss, Monique Simonet, Viviane Forrester, Dionys Mascolo, Marguerite Duras (Vozes Intemporais).

Produção: Sunchild, Les Films Armorial, S. Damiani, A. Cavaglione / **Cópia:** 35mm, colorida, legendada em português, 118 minutos / **Estreia Mundial:** Paris, 17 de Junho de 1975 / **Estreia em Portugal:** Cine Bloco (Lisboa), em 21 de Novembro de 1980

Marguerite Duras uma escritora-cineasta ou uma cineasta-escritora? A questão não é assim tão pueril, porque a obra de Duras é uma daquelas em que os dois termos se confundem. Ou antes, se completam, não da forma como um argumentista realiza um filme, ou um realizador o escreve, mas como duas mutações de uma mesma escrita. À "visualidade" dos seus textos escritos, corresponde o que se pode chamar a "opacidade" dos seus filmes. Correspondência e complemento que se encontra em toda a obra de Duras. E este termo "obra" abarca os dois meios de linguagem que Duras transforma num só. A importância da autora, no campo concreto do cinema, terá sido o de ter feito rebentar a oposição em que geralmente se coloca o cinema e o romance. Mais ainda. No que a ela se refere, livros e filmes formam um só bloco, uma obra única, de tal forma interdependentes, que uns são necessários à compreensão dos outros e, por mais de uma vez, a autora, desenvolve num meio o que nasce noutro.

Concretamente no que diz respeito a **India Song**, o filme (o "escrito-filme", apetece chamar-lhe), surge incluído no seu "ciclo indiano", balizado entre o romance *Le Ravissement de Lol V. Stein* (1964) e o filme **Son Nom de Venise dans Calcutta Désert**, sendo menos uma "adaptação" de *Le Vice-Consul* (1966), do que uma nova escrita, com outros pontos de vista, em particular no que se refere à personagem central (conceito ambíguo que nos remete para um tipo de narrativa que não é o de Duras): Anne-Marie Stretter (Delphine Seyrig). "Ciclo indiano" que, por sua vez, abre

novas veredas no caminho desbravado por Duras na sua obra "oriental" que vem desde *Barrage contre le Pacifique* (adaptado muito convencionalmente ao cinema por René Clément) e **Hiroshima Mon Amour**, de Alain Resnais (que é o primeiro filme "durasiano", no sentido em que entendemos os que ela própria dirigiu).

Quando se fala no cinema de Marguerite Duras, tem-se imediatamente a ideia de um filme cerebral, denso, obsessivamente "literário". Ora se o é, isso deriva dessa mutação linguística a que a autora procede, e não do filme em si, como objecto próprio. No seu cinema a palavra torna-se imagem, não a subjuga (e mesmo a ausência da última, em **L'Homme Atlantique**, não significa a sua perda de sentido, antes reforçando-o, como "corpo ausente"). O que distingue Duras desse outro grande realizador "literário", Manoel de Oliveira é que enquanto este filma o "discurso" e nesse processo o "cinematiza", Duras discorre com o filme, e desta forma o "literatiza". Mais, numa radicalização completa, Duras vai ao ponto de "escrever" neste meio abdicando da própria imagem, experiência que leva a cabo em **L'Homme Atlantique**, discurso "filmado" a negro.

Tal experiência extrema encontra-se já manifesta na que leva a cabo nesse filme "único" que são dois filmes: **India Song** e **Son Nom de Venise dans Calcutta Désert**, duas formas de escrever com imagens o mesmo texto. O segundo, "trabalha" o mesmo texto (ou melhor a mesma banda sonora, pois não se limita à palavra, mas também aos sons e música) com outras imagens. Trabalho que consiste em sublinhar a unidade da palavra na multiplicidade de imagens. A relação entre os dois filmes é a de uma presença e ausência dos corpos. Mas nem num caso nem no outro o discurso está implicitamente ligado ao que se vê. Os corpos de **India Song** são como os fantasmas que povoam a paisagem deserta de **Son Nom de Venise...**, que passeia hieraticamente pelos mesmos locais. A voz, os sons, são a única presença real, os corpos são um invólucro que temporariamente os rodeiam (como a permanência da voz gravada de gente há muito desaparecida), e a paisagem, a atmosfera que os conduzem.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico